



ESTUDOS
CLÁSSICOS

B o l e t i m

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos
Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra

Dezembro • 2005

A ARTE DE GRAMMATICA (1610) DE PEDRO SÁNCHEZ

0. Pedro Sánchez, sobrinho de Rodrigo Sánchez — capelão da rainha D.^a Catarina, mestre de Latim da infanta D.^a Maria e prior de Óbidos —, publicou, em 1610, a primeira gramática latina escrita em português, intitulada *Arte de Grammatica, pera em breve se saber Latim: composta em lingoagem, e verso Portugues. Com hum breve vocabulario no cabo, e algũas phrases latinas*, de que conhecemos apenas dois exemplares, um no Arquivo Distrital de Leiria (D3-1-V1) e o outro na Biblioteca Pública de Évora [R. 485 L. (8 L. Est. 36. Cx. 1)].

Pedro Sánchez era bacharel em Teologia, organista e compositor de músicas religiosas, professor dos rudimentos de Latim, beneficiado na igreja de Santa Maria de Óbidos, tendo falecido a 13 de Abril de 1635, em Lisboa, em casa de um primo, Pedro Sánchez Farinha. Também era primo do mestre de Latim e Retórica da Universidade de Salamanca, Francisco Sánchez de las Brozas (1523-1600), que viera para Portugal com os tios, Pedro e Rodrigo, no séquito da rainha D.^a Catarina, e cá permaneceu dos onze aos vinte anos, entre 1534 e 1543, tendo estudado Humanidades entre os mestres portugueses, em Évora e Lisboa.

1. A *Arte de Grammatica* de Pedro Sánchez, apesar de só publicada em 1610, já devia estar concluída quatro anos antes, pois a licença do S. Ofício é datada de 11 de Abril de 1606, e é a primeira gramática da língua do Lácio feita em Portugal e redigida em Português de que temos conhecimento. O próprio autor também parecia desconhecer qualquer outra gramática latina em vernáculo, pois “non me latet viros aliquos doctissimos hanc instituisse viam; quorum tamen vulgares institutiones nullas adhuc ipse vidi” (Sánchez, 1610: IV r.).

Trata-se de uma gramática latina “de bolso” — mede apenas 13,5 cm, por 8 cm —, com oito folhas (16 páginas) compostas por:

rosto do livro, várias autorizações para a publicação, alvará régio, dedicatória a D. João Gonçalves de Ataíde, conde de Atouguia, e um “prólogo” ao leitor; cento e uma folhas (202 páginas) de gramática e cinquenta e uma (102 páginas) de um (breve) dicionário latino-português, composto fundamentalmente pelas palavras que utilizou na gramática.

Também se pode considerar *Arte de Grammatica* de Pedro Sánchez uma gramática escolar para os estudantes dos primeiros anos de latinidade, pois apresenta as regras, em seu entender, básicas / essenciais da morfologia, sintaxe, métrica e estilística latinas, ou, como o autor refere,

ajuntey os preceitos, & regras de grāmatica ã me parecerão mais necessarios em verso, & lingua vulgar pera mais claridade, & firmeza da memoria, cõ os exẽplos em Latim. Não procurey buscar no verso muitos consoantes, porã como eu pretenda dar breves regras, & claras; forçadamente o accarreto de consoantes, as farião prolixas, & escuras (*Ibidem*: V v. - VI r.).

Pedro Sánchez preferia ser criticado por ser (demasiado) sintético e faltarem conteúdos, na sua perspectiva, acessórios — mas considerados importantes por outros —, porque,

ainda ã aqui não estem (*sic*) todas, bastão estas pera o entendimento ordinario da lingoa Latina: porã o perfeito entendimento della ha muyto poucos ã o alcancem, senão for por longo estudo, & curiosa observancia de phrases, e formulas, ã a Arte difficulosamente pode dar (*Ibidem*: VI r.).

A gramática deve, deste modo, proporcionar aos seus leitores a compreensão dos princípios básicos da língua, porque,

assi tanto que o discipulo souber declinar, & conjugar, Rudimenta, & a Syntaxi pequena, logo serà bem começar pellas Epistolas Familiares de

Cicero, ê porellas pedirlhe conta da grãmatica, segundo as regras que tem passado, & fazer orações de bocca, & por escrito (*Ibidem*: VI v.).

2. Tendo em consideração o público-alvo da gramática, também pareceu necessário ao seu autor apresentar os conteúdos de modo esquemático e mnemónico, ou seja, Pedro Sánchez usa várias estratégias metodológicas, entre as quais, como ele referiu no título da obra, a exposição de regras em verso (“*composta em lingoagem, e verso portugues*”). Apenas a título de exemplo, Pedro Sánchez, ao referir as partes do discurso (*partes orationis*), no capítulo *Dos Rudimentos*, fá-lo numa septilha, com versos, maioritariamente, de sete sílabas (em redondilha maior), e rima emparelhada, interpolada e interna:

As Partes da oração,
Oyto são: *Nomen, Pronomen,*
Verbum, Participium,
Praepositio, Adverbium,
Interjectio, Coniunctio,
Estas quatro derradeyras
Sem declinar ficarão (*Ibidem*: 32v.).

Para Pedro Sánchez, uma coisa é a língua que os gramáticos ensinam e outra, diametralmente oposta, é a língua veiculada pelos escritores. “Nem todo o Latim, que segundo as regras de grammat[ic]os se falla, he verdadeiro Latim” (*Ibidem*: VII r.). Com efeito, para o gramático seiscentista, citando Quintiliano (séc. I d.C.), “aliud est Grammaticae, aliud Latine loqui” (*Ibidem*), pois, certas frases estão gramaticalmente correctas, mas estilisticamente não “se dizem em bom Latim” (*Ibidem*). E apresenta os seguintes exemplos a corroborar a sua tese: “Ego amo Deum. Dico quod hoc facere teneris. Tu videris bonus homo” (*Ibidem*). Por isso, Pedro Sánchez defende, como já o fizera o seu primo Brocense, que o Latim não deve ser falado, pois “o que importa mais he entẽdello, e escrevello per imitação, como fizeram homens doctissimos de nossos tempos, ã nunca, ou de maravilha

o fallavão” (*Ibidem*). Nesta citação, e dentro de um espírito, ainda, marcadamente humanista, Pedro Sánchez parece não considerar o Latim como uma língua franca, de comunicação (oral), mas apenas uma língua cultural, que pode ser entendida como aquela língua que transmite os valores culturais, filosóficos, históricos, artísticos, enfim, todo o saber idiossincrásico de uma civilização já não existente, como a latina.

Efectivamente, o primo do Brocense defendia que a finalidade fundamental duma gramática da língua latina devia ser puramente técnica e prática, isto é, devia “apenas” proporcionar o entendimento essencial dessa língua e não a sua escrita e / ou a sua fala, de modo a permitir conhecer “unicamente” o seu funcionamento. E, conhecendo as regras do Latim, seria possível ter acesso aos melhores escritores e ser-se capaz de os ler e apreciar o seu estilo. Só nessa fase é que se devia / podia procurar imitar os melhores oradores, historiadores e poetas latinos e, assim, começar a escrever e a falar a língua de Cícero, Tito Lívio e Vergílio:

Inda que a arte mais he pera o entendimêto do Latim que se acha nos bõs authores, que não pera o escrever, nem fallar: porque pella imitação dos Oradores, Hy Storiadores, & Poetas se escreve, & falla melhor a lingoa Latina, q̃ pellas regras de Arte (...), ja o fallar Latim de repête he muyto perjudicial (*Ibidem*: VI v. - VII r.).

Infere-se assim que, para Pedro Sánchez, uma gramática latina — e, por consequência, as aulas dessa língua — não devia ser escrita em Latim, mas na língua materna do estudante:

Erro grande he cuydar, que as regras de Grãmatica se ensinarão melhor em Latim q̃ na lingoa propria sua: donde vemos que pera melhor, & mais breve entendimento da lingoa Grega, se faz a Arte em Latim, pera quem ja o sabe, cõ os exemplos em Grego: & se tudo fosse Grego, seria nunca acabar. Nem basta dizer, que pois o discipulo ha de saber Latim, que bom será logo começar a entendello pellas regras da Arte (*Ibidem*: VI r. - VI v.).

3. Relativamente aos conteúdos linguísticos, apesar de apresentar algumas alterações significativas, que explicita “ao Lector”, não nos pareceu que referisse qualquer conceito novo nem uma nomenclatura diferente, seguindo a gramática latina do jesuíta Manuel Álvares e não a do Brocense, seu primo: “Em quasi toda a Arte sigo ao Padre Manuel Alvarez, por me parecer boa ordẽ a da sua, ajudandome tambẽ do novo acrescentamento” (*Ibidem*: VI r.). A maioria das vezes Pedro Sánchez apenas se limita a traduzir a gramática alvaresiana.

Apesar de nunca o explicitar, parece-nos que a razão pela qual Pedro Sánchez não se baseia na gramática do Brocense é que aquela era uma gramática de ruptura e demasiado inovadora — ainda hoje — e se destinava a uma população universitária, ao passo que esta estava vocacionada para um público mais novo, preferencialmente principiantes no estudo do Latim, e, portanto, não devia ter a incumbência de discutir as causas, as razões e as fundamentações teóricas da própria gramática nem dos conceitos linguísticos. Por isso, também nos parece coerente que Pedro Sánchez se tivesse orientado, na sua exposição, pela gramática de Manuel Álvares, pois, tendo já esta uma grande repercussão, nacional e internacionalmente, era mais útil para os estudantes aprender “o mesmo Latim”, sem grandes discrepâncias teórico-metodológicas, podendo mais tarde os estudantes de humanidades aproveitarem-se disso, desenvolvendo apenas os conhecimentos, sem lhes causar quaisquer distúrbios psicológico-intelectuais.

A gramática de Pedro Sánchez segue também a estrutura da alvaresiana: “declinaçam dos nomes” (*Ibidem*: 1 r.-5 v.), “declinação (*sic*) dos pronomes” (*Ibidem*: 5 v.-9 r.), “conjugaçam dos verbos” (*Ibidem*: 9 v.-27 r.), “conjugação (*sic*) dos verbos anormalos” (*Ibidem*: 27 v.-29 v.), “conjugação dos verbos defectivos” (*Ibidem*: 29 v.-31 r.), “conjugação dos verbos impessoais” (*Ibidem*: 31 r.-31 v.), “dos verbos anormalos” (*Ibidem*: 31 v.-32 r.), “dos rudimentos” (*Ibidem*: 32 v.-37 r.), “da sintaxi pequena” (*Ibidem*: 37 r.-39 v.), “do genero dos nomes” (*Ibidem*: 39 v.-49 v.), “dos preteritos e supinos” (*Ibidem*: 49 v.-62 v.), “da sintaxi das oyto partes” (*Ibidem*: 63 r.-84 r.), “da quantidade das syllabas” (*Ibidem*: 84 v.-91 r.), “do incremento do nome” (*Ibidem*:

91 v.-94 v.), “do incremento dos verbos” (*Ibidem*: 94 v.-96 r.), “das ultimas syllabas” (*Ibidem*: 96 r.-101 r.) e “das figuras no verso” (*Ibidem*: 101 r.-101 v.). Por último, diferente de Álvares, Pedro Sánchez apresenta um breve dicionário latino-português, que intitula “omnium fere dictionum, quae his continentur institutionibus, explanatio: adjectis aliquot Latini Sermonis phrasibus” (*Ibidem*: 102 r.-153 v.), terminando com uma breve reflexão sobre o mesmo (*Ibidem*: 153 v.-154 v.), onde justifica que, “ainda que este vocabulario principalmente se fez pera declarar as dicções Latinas que vão nesta arte com tudo pareceome bem accrecentarlhe outras mais, com algũas phrases, em seus lugares, pera o entendimento dos vocabulos mais ordinarios que occorrem no Latim” (*Ibidem*: 153 v.), e demonstra a capacidade da língua latina em sofrer “composição”, apresentando alguns valores para os prefixos (“compostos de”) *in-* e *re-*, concluindo que “pera entender de raiz o Latim he necessario saber derivar, & tirar as origens” (*Ibidem*: 154 v.).

O beneficiado de Óbidos, como referimos, assumiu a sua dependência ideológica à gramática latina jesuítica, mas também divergiu quando pensou ser necessário. Para Pedro Sánchez, uma gramática deve reflectir o mais possível as realidades linguísticas dos *corpora* estudados e não “perder tempo” com as ocorrências menores ou excepcionais, porque causarão inevitavelmente a dispersão dos estudantes e, conseqüentemente, mesmo os melhores alunos não assimilarão todo o conhecimento basilar. Assim, Pedro Sánchez optou por expurgar a sua gramática “principalmente de nomes exquisitos, & que poucas vezes occorrem” (*Ibidem*: VII v.), porque

se quisermos especular, sempre acharemos nomes novos pera accrecentar, & quanto mais se accrecenta na arte, tanto menos fica na memoria, ainda dos estudantes diligentes, como vemos por experiencia (*Ibidem*: VII v. -VIII r.).

Por isso, o primo do Brocense procedeu a algumas alterações à gramática latina de Manuel Álvares, principalmente no respeitante às

formas verbais, ou, como ele escreveu, “nas conjugações mudey, tirey, & accrecentey algũas lingoagẽs” (*Ibidem*: VII r.).

Dos modos (que fora melhor não pòr algum) tirey o Optativo; acrecentando em seu lugar hum segundo imperfeito no conjunctivo¹: porque na verdade esta particula *Vtinam*, que significa *ò si*, mais parece ser interjeção, & cõjunção juntamente, do que parece adverbio (...). Nos preteritos me estendi mais que no genero, por serem mais necessarios: porque o genero não importa tanto saberse (*Ibidem*: VII v.).

Um outro assunto interessante é, em nosso entender, a conclusão que o beneficiado de Óbidos apresenta no final do capítulo dedicado à morfologia, com uma síntese sobre a formação dos sufixos modotemporais, ensinando, dessa forma, aos estudantes que, sem terem de memorizar todos os verbos, podiam formar todos os tempos a partir dos paradigmas apresentados. Desta forma, para Pedro Sánchez,

na formaçam dos verbos nam ha pera que cansar em mudar letras, & acrecentar syllabas: basta regular todos os verbos, pellos que estam postos por exemplo das quatro conjugações, advertindo bem as letras que cada verbo tem no presente do Indicativo, pera dahi se derivarẽ todos os modos, & tempos, tirando o praeterito perfeyto do Indicativo, & os que delle nacẽ, que sam o plusquam perfeito (*sic*) logo junto, & perfeyto do conjunctivo, plusquam perfectò (*sic*), & futuro, & o perfectò (*sic*) do Infinitivo ã se acabam em Ram, Rim, Ro, Sem, se, ut Legeram, Legerim, Legero, Legissem, Legiste. O qual praeterito em muytos verbos muda a letra do presente, ut Fero, Tuli, Ago, Egi, Tollo, Sustuli, & c. Do Supino, se formam os participios em Vius, & os do praeterito passivo (*Ibidem*: 31 v.-32 r.).

Por último, apresenta esquematicamente alguns sufixos pessoais — ele nunca afirma serem sufixos ou morfemas nem vogais temáticas ou conectivas mas tacitamente deixa perceber que se trata da

¹ Neste ponto específico, há uma aproximação ao Brocense, que defendia a inexistência dos modos e, por isso, classificava os tempos numericamente. Veja-se, por exemplo, o capítulo VII de Brozas, Francisco Sánchez de las, 1562, *Minerva seu de Latinae linguae causis et elegantia*, Lugduni, e o capítulo XIII do Livro I de Idem, 1587, *Minerva seu de causis linguae Latinae*, Apud Ioannem, et Andream Renaut, Fratres, Salmanticae.

mesma categoria, pois coloca-os no mesmo grupo — quer da voz activa quer da passiva, ainda que nem sempre a sua perspectiva esteja de acordo com os princípios linguísticos aceites actualmente, pois, por exemplo, a 2ª pessoa do presente do imperativo na voz activa tem morfema zero (Ø), sendo concluída com a vogal temática nas 1ª, 2ª e 4ª conjugações (tema em A, E e I), como “am-a”, “doc-e” e “aud-i”, e vogal de ligação ou conectiva na 3ª (tema em consoante), como “leg-e” e “accip-e”. Assim, faz corresponder “-o”, na primeira coluna, a “-r”, na segunda, como “amo” e “amor”(1ª pessoa do singular do presente do indicativo); “-t” a “-ur”, como “amat” e “amatur” (3ª pessoa do singular do presente do indicativo), “-a”, “-e” e “-i” a “-re”, como “ama”, “doce”, “audi” e “amare”, “docere”, “audire” (2ª pessoa do singular do presente do imperativo) (*Ibidem*: 32 r.).

3. Em síntese, Pedro Sánchez, ao ser o primeiro a escrever uma gramática latina em Português e ao usar dois critérios, na nossa perspectiva, metodológica e didacticamente eficientes — simplicidade (redução de regras) e “mnemonização” (escrita em verso) — chamou a atenção da comunidade científica portuguesa de então para o facto de ser necessário estar mais voltado para os alunos do que para os docentes, pois, para estes, já havia material didáctico em número suficiente, como, por exemplo, a gramática de seu primo, Francisco Sánchez de las Brozas, e a do jesuíta Manuel Álvares, que já tinha bastante fama e era usada em todos os colégios da Companhia de Jesus.

Estes três argumentos — uso da língua portuguesa, simplicidade e redução das regras gramaticais, e facilidade de memorização —, vão ser fundamentais para os estudos gramaticais portugueses posteriores, uma vez que, apesar do domínio quase absoluto da gramática alvaresiana, vão aparecer outros tratados em vernáculo, em especial as obras do transmontano Amaro de Roboredo e dos comentadores de Álvares, como Bartolomeu Rodrigues Chorro, João Nunes Freire, José Soares e António Franco.

Bibliografia

- ÁLVARES, Manuel, 1572, *De Institutione Grammatica libri tres*, excudebat Joannes Barrerius, Olyssipone.
- BROZAS, Francisco Sánchez de las, 1562, *Minerva seu de Latinae linguae causis et elegantia*, Lugduni.
- BROZAS, Francisco Sánchez de las, 1587, *Minerva seu de causis linguae Latinae*, Apud Ioannem, et Andream Renaut, Fratres, Salmanticae.
- FERNANDES, Gonçalo, 2002, “A primeira gramática latina escrita em Português”, em *Revista Portuguesa de Humanidades*, Vol. VI, Faculdade de Filosofia de Braga, Braga, 481-495.
- MACHADO, Diogo Barbosa, 1752, *Bibliotheca Lusitana Historica, Critica, e Cronologica. Na Qual se Comprehende a Noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que compuserão desde o tempo da promulgaçã da Ley da Graça até ao tempo prezente*, Tomo III, Officina de Ignacio Rodrigues, Lisboa.
- ROMEO, Rogelio Ponce de León, 1996, “La pedagogia del Latín en Portugal durante la primera mitad del siglo XVII: cuatro gramáticos lusitanos”, in *Cuadernos de Filología Clásica. Estudios Latinos*, n.º 10, Universidade Complutense de Madrid, Madrid, 217-228.
- SÁNCHEZ, Pedro, 1610, *Arte de Grammatica, pera em breve se saber Latim: composta em lingoagem, e verso Portugues. Com hum breve vocabulario no cabo, e algũas phrases latinas*, Officina de Vicente Álvares, Lisboa [ADL: D3-1-V1; BPE: R. 485 L. (8 L. Est. 36. Cx. 1)].

GONÇALO FERNANDES